

# O FOLCLORE NA LITERATURA INFANTIL: fator de dinamização do Setor Infanto-Juvenil da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel (BPGMP)

*Raquel Matos Brito Castelo Branco*

## RESUMO

Traz a proposta de que, através dos livros de literatura infanto-juvenil, que têm como tema o folclore e de atividades relacionadas com a cultura popular, podem-se alcançar os objetivos da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel no tocante aos usuários do Setor Infanto-Juvenil.

## ABSTRACT

This paper brings the proposition that, through juvenile literature which have the folklore as issue, and those activities related to popular culture, it is possible to reach the aims of the "Governor Menezes Pimentel Public Library" as to its Infant-Juvenile Section users.

## 1 - Introdução

A intenção do presente trabalho é mostrar que, através dos livros de literatura infanto-juvenil que têm como inspiração o folclore e de atividades relacionadas com a cultura popular, podem-se alcançar os objetivos da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel - BPGMP no tocante à clientela do Setor Infanto-Juvenil.

De acordo com a "Declaração de Caracas sobre a Biblioteca Pública como fator de desenvolvimento e instrumento de mudança social na América Latina e Caribe"<sup>9</sup>, p. 38, e conforme o "Manifesto da Unesco sobre a Biblioteca Pública"<sup>15</sup>, p. 79, estes objetivos, entre outros, são:

- "promover o resgate, compreensão, difusão e defesa das culturas: nacional, autóctone e minoritárias para a formação de identidade nacional, o conhecimento e o respeito por outras culturas", e
- estimular "o gosto pelos livros e o hábito de utilizar as bibliotecas".

Baseados nestas recomendações, bibliotecários, pedagogos e as pessoas ligadas ao Setor Infanto-Juvenil poderão ir buscar na imensa riqueza do nosso folclore motivação para as atividades com as crianças e adolescentes, tanto estimulando o gosto pelos livros como valorizando a nossa cultura popular.

Para atingir o objetivo proposto, parte-se de algumas considerações sobre o folclore, o folclore como tema dos livros de literatura infanto-juvenil. Continuando, ver-se-á o folclore como fator de dinamização do Setor Infanto-Juvenil da BPGMP e algumas sugestões de atividades que poderão ser efetuadas.

Visando sempre a transformar a Biblioteca num lugar aprazível onde as crianças e adolescentes possam, em contato com os livros de literatura infanto-juvenil, desenvolver suas potencialidades, sempre respeitando sua realidade cultural.

## 2 – Folclore: algumas considerações

Foi William John Thomas, em 1846, quem primeiro usou o termo folclore (*folk-lore*), que significa “a sabedoria do povo”, citado por Câmara Cascudo<sup>5</sup>, p. 12.

Segundo Aurélio<sup>10</sup>, p. 643, no “Novo dicionário da língua portuguesa”:

- 1 – é o “conjunto das tradições, conhecimentos ou crenças populares expressas em provérbios, contos ou canções”;
- 2 – “conjunto das canções populares de uma época ou região”; e ainda
- 3 – “estudo e conhecimento das tradições de um povo, expressas nas suas lendas, crenças, canções e costumes”.

Édison Carneiro, em “Dinâmica do folclore”, citado por Maria Antonieta Antunes Cunha<sup>8</sup>, diz que folclore é “um corpo orgânico de modos de sentir, pensar e agir peculiares às camadas populares das sociedades civilizadas”, e demonstra que o fenômeno folclórico é dinâmico, e não estável, e é observado em todas as idades e atividades das diversas camadas populares.

Já Câmara Cascudo<sup>3</sup>, p. 334, no “Dicionário do folclore brasileiro”, diz que folclore “é a cultura do popular, tornada normativa pela tradição”.

O estudo do folclore brasileiro começou pelo recolhimento da literatura oral. O conto e o verso popular despertaram interesse de estudiosos que se dedicaram ao folclore, destacando-se: Nina Rodrigues, Sílvio Romero, João Ribeiro, Gustavo Barroso, Artur Ramos, Édison Carneiro, Silva Campos e Luís da Câmara Cascudo.

Segundo Maria Antonieta Antunes Cunha<sup>8</sup>, podemos observar no folclore dois aspectos: o lúdico e o prático.

- no primeiro teríamos: a literatura oral (lendas, mitos, contos, poesias etc.); as diversões (danças, cortejos, teatro, autos etc.) e a música (cantigas de roda e de ninar etc.);
- no segundo: as artes e técnicas (cerâmica, pintura, escultura, cestaria etc.); e a linguagem popular (provérbios, línguas especiais, frases feitas etc.).

Complementa-se esta divisão com outros elementos característicos do folclore infantil, como: os jogos, onde o elemento comum é a disputa; as adivinhas (perguntas enigmáticas); o brinquedo (o objeto de brincar: a boneca, o cavalinho de barro, a arraia etc.) e brincadeiras (“amarelinha”, “escravos-de-jó”, “anel”, “amigo ou amiga” etc.).

### 3 – O folclore na literatura infanto-juvenil

Veremos a seguir que a literatura infanto-juvenil teve as suas raízes lançadas a partir das narrativas populares, o que desde o princípio relacionou folclore e literatura.

#### 3.1 – Histórico: antes de Monteiro Lobato

A literatura infantil brasileira nasce no final do século XIX. Antes disso, as crianças liam os clássicos da literatura, e as que não tinham acesso a estes liam ou ouviam as histórias de cavalaria, de aventuras e também as lendas e contos folclóricos que despertavam grande interesse nas classes populares.

A importância da literatura oral para as crianças num país onde apenas a elite dominava a escrita é óbvia.

Também a literatura de cordel, assim chamada porque era vendida nas calçadas, onde os folhetos (ou “folhetins”) eram expostos pendurados em barbantes como roupa no varal, foi durante muito tempo a forma escrita mais acessível às crianças e adolescentes, pela simplicidade de sua apresentação e dos temas abordados, como também pela leitura fácil e de baixo custo.

Os primeiros livros infantis que circularam aqui no Brasil foram edições portuguesas, traduções como as de Carlos Jansen: “Contos seletos das mil e uma noites” e versões de textos de Perrault, Grimm e Andersen, que foram buscar na cultura do povo os contos que até hoje nos encantam.

Estes contos são inclusive objeto de interpretação psicanalítica, como mostra Bruno Bettelheim<sup>2</sup> em “A psicanálise dos contos de fadas”. Para ele, “nada é tão enriquecedor para crianças e adultos como os contos de fadas folclóricos”; “hoje, como no passado, a tarefa mais importante e também mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar significado na vida”, e “a criança encontra significado nos contos de fadas”. Pois estes transmitem que “uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana – mas se a pessoa não se intimida, mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa”.

A partir de 1915, Arnaldo de Oliveira Barreto coordena a “Biblioteca Infantil” da Editora Melhoramentos, adaptando textos europeus à linguagem brasileira.

Nesta mesma linha Figueiredo Pimentel fez sucesso em 1884 com os “Contos da carochinha”, e em 1896, com as “Histórias da avozinha” e as “Histórias da baratinha”, compilações de histórias de fadas e do folclore, que até aí eram voltadas para os adultos e que então se dirigiam às crianças.

Na capa dos “Contos da carochinha” lia-se: “livro para crianças, contendo maravilhosa coleção de contos populares”.

Em “Histórias da avozinha”, a maioria das narrativas é de origem estrangeira, mas algumas são do folclore brasileiro, como “A onça e o cabrito”, que nada mais é que “A onça e o bode” adaptada para crianças; “O macaco e o moleque”, que conta como uma velha consegue enganar o macaco com um boneco de cera; “Aventuras de um jabuti”, louvando a esperteza do jabuti; “A onça e a raposa”, onde se mostra a supremacia da esperteza contra a força física; e “O cágado e o urubu”, hoje conhecida como “A festa no céu”.

Figueiredo Pimentel também escreveu "Os meus brinquedos", que traz uma descrição pormenorizada dos jogos e cantigas de roda (cirandas), além de contos folclóricos e sentenças.

Outra tentativa pioneira de ir buscar no nosso folclore as histórias para crianças foi feita por Alexina de Magalhães Pinto, que compilou muitas histórias para uso nas escolas. Ela publicou: "As nossas histórias", 1907; "Os nossos brinquedos", 1909; "Cantigas das crianças e do povo" e "Danças populares", 1916; "Provérbios populares", 1917; "Cantigas das crianças e dos pretos", s. d.

Das "Nossas histórias", segundo a autora, apenas três ou quatro são de origem brasileira: "Beija-flor", "Carrichinha", "Sapo" e "Mula Ruana"; as outras são variações das histórias de origem portuguesa.

Como Alexina era musicista, os contos são enriquecidos com as partituras das partes cantadas.

Em "Nossos brinquedos", traz, além dos brinquedos populares: adivinhas, charadas e provérbios, e nos livros sobre cantigas e danças traz informação do lugar de procedência.

### 3.2 – De Monteiro Lobato até 1970

A partir de 1920 as editoras começaram a prestigiar a literatura infantil. E foi quando o Modernismo, época em que todas as liberdades eram permitidas e a fantasia rompeu com os limites do Realismo, favoreceu o aparecimento do mestre da literatura infantil brasileira: Monteiro Lobato (1882-1948).

Ele atualizou os contos de fadas tradicionais como os "Contos de Grimm" e "Reinações de Narizinho", e em alguns dos seus livros é o folclore brasileiro o tema central, onde ele foi buscar nessa fonte inesgotável da literatura os elementos para escrever "O Saci", 1921, e "Histórias de Tia Nastácia", 1937.

Malba Tahan também foi buscar para a literatura brasileira, da literatura tradicional oriental, um grande número de histórias das "Mil e uma noites", que até hoje são procuradas, como "O homem que calculava", 1938.

Deste período são as histórias de origem folclórica narradas às crianças atentas, que Viriato Correa descreve com o tipo "a contadeira de histórias" em "Cazuza", 1938, nas memórias de infância de um menino do interior; no que foi antecipado por José Lins do Rego com as "Histórias da velha Totônia", 1936, de origem popular e circulação oral.

Também temos Graciliano Ramos com "Alexandre e outros heróis", 1944, onde ele valoriza o popular autêntico e puro de Alexandre, que conta suas aventuras da juventude às pessoas que o visitam; e Luiz Jardim, que escreve "O Boi Aruá", 1940, onde reúne histórias de procedência popular que são contadas pela Sá Dondom, convocada pelas crianças.

No folclore de origem indígena, temos Ernani Donato, com as "Histórias dos meninos índios", 1951, e do folclore rural, "Novas aventuras de Pedro Malazarte", 1949.

Alaíde Lisboa de Oliveira mistura personagens do folclore e crianças urbanas em "A bonequinha preta" e "O bonequinho doce", ambos de 1938.

### 3.3 – Da década de 70 até hoje

Na década de 70 houve a revalorização da cultura popular através de suas raízes orais, resgatadas por Monteiro Lobato e reencontradas por vários autores como:

- Haroldo Bruno, que recupera elementos da cultura nordestina em “O misterioso rapto de Flor do Sereno”, 1979, onde a estrutura de cordel aparece em “O viajante das nuvens”, 1975.

- Ziraldo, com a “Turma do Pererê”, 1972, e quando usa a linguagem popular em “Os dez amigos”, 1987.

- Antonieta Dias de Moraes reconta lendas da mitologia indígena em “A varinha do Caapora”, 1975, e depois em “Contos e lendas dos índios do Brasil”, 1979.

- Joel Rufino dos Santos, em muitos de seus livros, faz a reelaboração de contos folclóricos ou ainda a criação original inspirada na tradição oral, como em “O caçador de lobisomem”, 1975, “O curumim que virou gigante”, 1980, “Histórias de Trancoso”, 1983, “A botija de ouro”, “Cururu virou pajé”, “O Saci e o curupira”, “A rainha Quiximbi”, “Dudu Calunga” e “O noivo da cutia”.

- Wener Zotz, em “Apenas um curumim”, 1979, cuja poesia se alia à linguagem de cunho oralizante.

- Walmir Ayala, em “Histórias dos índios do Brasil”, 1971, e “O burrinho e a água”, 1982, usa também a poesia e o folclore em seus textos.

- Ana Maria Machado faz alusões e citações de elementos colhidos no folclore em “Bem do meu tamanho”, 1980, ou reconta histórias como na “Coleção conte outra vez”, 1980/81. Destacamos o livro “De olho nas penas”, que recebeu o “Premio Casa de las Américas”, onde o folclore brasileiro, o sul-americano e o africano são valorizados.

Em “Bento que bento é o frade”, ela usa uma brincadeira popular como inspiração, e em “História meio ao contrário” ela faz uma paródia dos contos de fadas, que é uma forma de ligar a literatura infantil contemporânea a suas fontes mais longínquas.

Outros autores vão buscar nos contos tradicionais as fadas, reis, rainhas e princesas, muitas vezes desmistificando-os, outras recontando-os.

- Ruth Rocha reconta várias histórias tradicionais na série “Ruth Rocha conta”, e dela são “O reizinho mandão” e “Sapo vira rei vira sapo”, dentre outros.

- Chico Buarque, no seu “Chapeuzinho Amarelo”, 1979, reescreve com muito humor a velha e popular história de Chapeuzinho Vermelho.

- Marina Colasanti, em “Uma idéia toda azul”, 1979, e “Doze reis e a moça do labirinto”, 1983, cujas personagens são as mesmas dos contos tradicionais.

- Também Fernanda Lopes de Almeida, com “A fada que tinha idéias” e “Soprinho”, cujas fadas são bem diferentes das suas ancestrais.

- Neste linha temos também “A fada desencantada”, de Eliane Ganim, e “Onde tem bruxa tem fada”, de Bartolomeu Campos de Queirós.

Além desses já citados, todo dia estão surgindo autores que vão buscar, tanto nos contos de fadas tradicionais como no folclore brasileiro, inspiração para suas histórias.

O que interessa é que estes livros tenham valor como obras de arte, caracterizadas pela abertura, que é a possibilidade de leitura em vários níveis. e que sejam marcados pela plurissignificação e conotação, levando os leitores a várias interpretações, e sendo lidos, o que é mais importante, com interesse e prazer pelas crianças.

#### **4 – O folclore como fator de dinamização do Setor Infante-Juvenil da BPGMP**

É de fundamental importância que a Biblioteca Pública colabore na preservação das espontâneas manifestações da cultura e imaginação do nosso povo, as quais aos poucos vão desaparecendo ante o avanço da era tecnológica.

Hoje as brincadeiras tradicionais estão sendo substituídas principalmente pela televisão, que estimula atividades baseadas no consumismo e em outras culturas, constituindo-se em um lazer passivo, que pouco acrescenta às nossas crianças.

A BPGMP pode voltar-se para atividades ligadas ao folclore e ao popular para dinamização do Setor Infante-Juvenil, nas quais as crianças, lendo ou ouvindo histórias, brincando, tomando conhecimento de técnicas e artes populares, de músicas e danças, possam preservar estas e outras manifestações da cultura popular, tomando então uma posição contra a massificação que nos tentam impingir.

Deve-se ter nossa realidade cultural em mente ao planejar as atividades do Setor Infante-Juvenil. Com isto evitar-se-ia que a ideologia dominante se servisse da Biblioteca Pública para perpetuar seus valores e interesses, ao mesmo tempo em que se respeitaria o componente cultural da comunidade, adaptando estas atividades à realidade das crianças e adolescentes que a freqüentam.

A BPGMP unida às entidades interessadas no desenvolvimento de nossas crianças e adolescentes, como as escolas públicas próximas, a associação de bairro onde a biblioteca se encontra e outras entidades, poderiam, num esforço conjunto, programar atividades visando sempre ao desenvolvimento do gosto pela leitura e à preservação dos valores da nossa cultura.

Transformando a BPGMP num organismo vivo, aberto para as manifestações de nossa gente, onde as crianças e adolescentes possam ter seu espaço para ler, brincar e ouvir histórias, histórias de seu povo, de coisas que valorizem sua cultura, de preservação da natureza etc.

Para que então, comparando com os valores consumistas e estranhos ao seu modo de viver, as crianças possam desenvolver seu potencial crítico, aumentando sua compreensão do mundo, ter resposta para suas perguntas e idéias para solucionar seus problemas.

#### **5 – Sugestões de atividades integradas pelo folclore**

Sempre partindo dos livros de literatura infante-juvenil, efetuar atividades que despertem a criatividade e interesse das crianças, seguindo a recomendação do Seminário Latino-Americano de Literatura Infante-Juvenil, São Paulo, 14 a 18 de agosto de 1978, a autores de literatura infante-juvenil, citado por Júlio César da Silva <sup>21</sup>, p. 59, e que poderiam ser dirigidas às pes-

soas que trabalham com as crianças e também para orientar as atividades programadas pelo Setor Infanto-Juvenil da BPGMP:

*"Recomendamos que o folclore na literatura infantil não seja associado só a mitos e lendas, mas seja visto dentro do dia-a-dia da criança em suas brincadeiras espontâneas, nos apelidos dos colegas e nos brinquedos que ela cria, caracterizados por ausência de normatividade rígida. Essa recomendação é básica, inclusive como defesa contra a massificação e a nivelação por baixo, provocada pela influência da indústria cultural. Não se pede uma imitação do 'estilo folclórico', mas que o artista apreenda a essência da atividade do criador de folclore: uma visão sem preconceitos, uma visão de amor à vida."*

A seguir veremos algumas atividades que poderão ser efetuadas no Setor Infanto-Juvenil:

- hora do conto;
- teatro de história escolhida pelas crianças;
- debates e/ou comentários dos livros lidos;
- desenho, pintura e uso de massa de modelar;
- hora da poesia – as crianças recitando e/ou ouvindo poesias folclóricas;
- danças – apresentação de grupos folclóricos;
- cirandas – brincadeiras de roda com as crianças;
- gincanas;
- concurso de adivinhas, provérbios ou ditos populares;
- uso de outras brincadeiras populares, como: amarelinha (macaca), pular corda, escravos-de-jó, jogo de pedrinhas, bolhas de sabão, bento-que-bento-é-o-frade, cabra-cega, dobraduras (origami), jogo da velha, frio ou quente etc.;
- convidar pessoas da comunidade como artesãos, repentistas, sambistas, violeiros, autores de cordel e outros para virem até a biblioteca; e
- convidar pessoas idosas para participar das atividades, pois muito podem contribuir com sua sabedoria e experiência para o êxito das programações.

## 6 – Conclusão

Como se procurou demonstrar neste trabalho, conclui-se que o uso do folclore encontrado nos livros de literatura infantil pode ser empregado como fator de dinamização do Setor Infanto-Juvenil da BPGMP, favorecendo:

- o gosto pelos livros e conseqüente criação do hábito da leitura;
- o hábito de as crianças e adolescentes frequentarem bibliotecas;
- as brincadeiras ligadas ao folclore como forma de animação cultural;
- transformação da BPGMP num lugar aprazível, onde as crianças e adolescentes, em contato com os livros, possam desenvolver-se respeitando sua realidade cultural;
- a finalidade maior, que é, através do folclore, levar a criança e o adolescente à valorização de sua cultura e da realidade do seu meio e da sua gente.

## 7 – Referências bibliográficas

- 1 – AYALA, Marcos & AYALA, Maria Ignez Novais. **Cultura popular no Brasil**. São Paulo, Ática, 1987. 77 p.
- 2 – BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980. 366 p.
- 3 – CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 4 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1979, p. 334.
- 4 – \_\_\_\_\_. **Literatura oral no Brasil**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978. 452 p.
- 5 – \_\_\_\_\_. **Seleção**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972. 212 p.
- 6 – COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de literatura infantil-juvenil brasileira**. São Paulo, Quiron, 1983. 963 p.
- 7 – \_\_\_\_\_. **A literatura infantil**. São Paulo, Quiron, 1981. 418 p.
- 8 – CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo, Ática, 1984. p. 126-138.
- 9 – DECLARAÇÃO de Caracas sobre a Biblioteca Pública como fator de desenvolvimento e instrumento de mudança social na América Latina e no Caribe. In: Bahia. Departamento de Bibliotecas. Coleção inicial para a formação de biblioteca pública municipal. Salvador, 1984. p. 38-39.
- 10 – FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975. p. 643.
- 11 – GARCIA, Rose Marie Reis. **Brincadeiras cantadas**. Porto Alegre, Kuarup, 1988. 124 p.
- 12 – LAJOLO, Marisa, & ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil para crianças**. São Paulo, Global, 1986. 364 p.
- 13 – \_\_\_\_\_. **Literatura infantil brasileira: histórias & histórias**. São Paulo, Ática, 1985. 190 p.
- 14 – LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular**. São Paulo, Brasiliense, 1983. 73 p.
- 15 – MANIFESTO DA UNESCO sobre a Biblioteca Pública: In: SUIAIDEN, Emir José. **Biblioteca Pública Brasileira: desempenho e perspectivas**. São Paulo, Lisa, 1980. p. 77-82.
- 16 – MELO, Veríssimo de. **Folclore infantil**. Rio de Janeiro, Cátedra, 1981. 301 p.
- 17 – REYES, Maria Thereza. A criança e a Literatura. **Boletim Bibliográfico**. Rio de Janeiro (21): 137-146, jun. 1979.
- 18 – RODRIGUES, Anna Augusta. **Rodas, brincadeiras e costumes**. Rio de Janeiro, Plurarte, 1984. 336 p.
- 19 – SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga**. Rio de Janeiro, Agir, 1987. 101 p.
- 20 – \_\_\_\_\_. O nacionalismo na literatura infantil no início do século XX. In: **Literatura infantil: um gênero polêmico**. Petrópolis, Vozes, 1983. p. 33-45.
- 21 – SILVA, Julio César da. O folclore e a literatura infantil: sugestão de atividades. In: **Literatura infantil: um gênero polêmico**. Petrópolis, Vozes, 1983. p. 46-63.